

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

Anchieta, Pe. José de - *Textos Históricos*. Pesquisa, introdução e notas do Pe. Hélio Abranches Viotti. São Paulo, Loyola, 1989. 198p ("Monumenta Anchieta", vol. 9).

Prosseguindo na sua *Monumenta Anchieta*, que visa trazer a público a obra completa do "Apóstolo do Brasil", oferece-nos o Pe. Hélio Abranches Viotti neste nono volume uma série de *Textos Históricos* do Padre José de Anchieta, com introdução e notas do preclaro historiador jesuíta. Aliás, suas notas não apenas esclarecem os textos, como corrigem falhas e omissões de outros autores, confronta códices, critica-os, enfim realiza trabalho diplomático do mais alto valor. Os textos estão agrupados sob os seguintes assuntos: informações gerais sobre o Brasil e o trabalho missionário, casamento dos índios, o processo Bolés, profissão de Anchieta, primeiros aldeamentos e, ainda, notas sobre todos os missionários do "período anchieta". (Cortesia do autor).

Barreto, Lázaro - *História de Arcos*. Com a colaboração de Lázara Teixeira de Sousa e Rita de Cássia Zuquim. Edição da Prefeitura Municipal de Arcos, 1992. 220p.

Obra despretensiosa, sem preocupações metodológicas (certamente reclamadas por alguns leitores mais exigentes), mas que atendeu, em boa parte, ao que se desejou, ou seja o resgate da memória da histórica cidade do Oeste de Minas. Talvez o volume venha excessivamente onerado com informações pouco adequadas a um livro de História, mas que foram julgadas necessárias pelos autores. O importante é que os dados históricos mais significativos aparecem devidamente registrados, inclusive o que se refere certamente ao ponto mais capaz de despertar curiosidade: o origem do topônimo. Vale transcrever o que está à página 24: "A origem do nome do lugar já mereceu nada menos que cinco versões. Primeira: os tropeiros deixavam arcos de barril na passagem do córrego para indicarem o rumo da estrada boiadeira que seguia para o sertão da Farinha Podre (Triângulo Mineiro); esta é a versão mais corrente. Segunda: a abundância das palmeirinhas, uma planta semelhante ao bambuzinho, com lascas apropriadas à confecção dos arcos de peneiras. Terceira: o Córrego do Gracindo fazia barra com o dos Cristais em forma de

forquilha, no lugar onde nasce o Rio dos Arcos, que banha a região, fazendo uma curva semi-circular. Quarta: a maneira antiga de designar os inimigos numa expedição de caçadores de índios. Quinta: (a versão mais crível): a procedência lusitana de nossos colonizadores, egressos dos Açores. O nome Arcos é comuníssimo na toponímia portuguesa”. Esta última versão é avalizada pelo historiador mineiro Waldemar de Almeida Barbosa. E não nos esqueçamos de que o nome “Arcos”, ocorre inclusive na nobiliarquia lusitana, pois foi o título do último vice-rei do Brasil, Dom Marcos Noronha, Conde dos Arcos. (Cortesia da Prefeitura Municipal de Arcos).

Gouvêa, Fernando da Cruz - Perfil do tempo. Recife, Fundação da Cultura, 1990. 304p

O presente volume reúne uma série de ensaios - onze, ao todo - em torno de problemas e episódios marcantes da história pernambucana. Dele escreveu o apresentador do volume: “Livro construído sobre uma pesquisa exemplar, carregado de sugestões e perspectivas, poderá prestar excelente ajuda a todos os estudiosos do nosso passado”. Eis os títulos dos capítulos dele constantes: “Alguns fatos passados em engenhos coloniais, segundo Frei Jaboatão”; “Uma relação de engenhos de Pernambuco e Paraíba no século XVIII”; “O Marquês de Olinda, Senhor de Engenho”; “A propósito da modernização da agroindústria açucareira de Pernambuco no século XIX”; “Ingleses em Pernambuco”; “A visita do Imperador Dom Pedro II ao Recife”; “A Imprensa no Império”; “Festa em Boa Viagem”; “Joaquim Nabuco e Ramalho Ortigão no Recife: um encontro de abolicionistas”; “Joaquim Cardozo, caricaturista” e “A sucessão governamental de 1930 em Pernambuco”. O autor dispensa maiores encômios. É um dos grandes nomes da historiografia pernambucana, a quem esta publicação já tem feito referências. (Cortesia do autor).

Piazza, Walter F. - A epopéia açórico-madeirensense, 1748-1756. Pref. de Antônio Manuel Bettencourt Machado Pires. Florianópolis, UFSC Lunardelli, 1992. 490p.

“Os habitantes das nove ilhas do Arquipélago dos Açores e da ilha da Madeira foram constantemente envolvidos por problemas da conjuntura social e econômica dos seus lugares de origem. Desejando novas condições de vida, atenderam ao apelo da Coroa Portuguesa aceitando migrar para o Brasil-Meridional. Transportaram-se em embarcações de pequenas proporções, mas trouxeram, dentro de si, todo o complexo da sua cultura, que vai se espelhar em comunidades erguidas, quer na Ilha de Santa Catarina, quer no continente que lhe é fronteiro, bem como, em seguida, se espalharam pelo Continente de São Pedro do Rio Grande. Esta movimentação de mais de seis mil açorianos, com os seus sacerdotes, os seus oficiais de ordenanças, as suas tradições mais caras e bem como daquela meia centena de madeirenses, é uma

página de uma grande migração, agora com o seu conhecimento aprofundado, mostrando que foi, na realidade, uma grande epopéia! A busca documental realizada nos dois lados do Atlântico, quer nos arquivos de Lisboa e das Ilhas dos Açores e da Madeira, quer nos brasileiros, facilitou uma nova visão de tão amplo movimento populacional no século XVIII” (Da apresentação). É o que pretende, de fato, demonstrar o livro do conhecido historiador catarinense através de exaustiva pesquisa realizada “nos dois lados do Atlântico”. Expressivo o prefácio do historiador de Ponta Delgada quando caracteriza uma “diáspora açoriana e madeirense”. Capítulos em que se desdobra o livro: 1. As ilhas dos Açores e da Madeira e a sua problemática sócio-econômica no século XVIII; 2. A política portuguesa do “uti-possidetis” no Brasil e a ação de Alexandre de Gusmão; 3. A decisão real: açorianos e madeirenses para o Brasil-Meridional e o papel de Rafael Pires; 4. Instruções para as autoridades insulanas; 5. Os preparativos para o recebimento no Brasil; 6. As atribuições das câmaras açorianas; 7. Os “assentos” para os transportes; 8. Chegada ao Brasil e a formação das primeiras comunidades; 9. Cumprimento das promessas régias; 10. Os gastos da Fazenda Real: empréstimos e despesas efetuadas; 11. A explosão demográfica; 12. Resultantes do povoamento açoriano. Walter F. Piazza dispensa apresentação. Nossa publicação já lhe tem feito diversas referências, inclusive acolhendo trabalhos de sua lavra. Inegavelmente é um dos grandes nomes da historiografia brasileira, presidente, no momento, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. (Cortesia do autor).

Ribeiro Jr., João - As perspectivas do mito. São Paulo, Pancast, 1992.

“Quando se fala em mito, reporta-se à História dos Povos Antigos, que apresentavam explicações rudimentares aos fenômenos da natureza e tinham uma concepção antropológica da Divindade. O estudo da Mitologia seria um passatempo daqueles que se deleitam cultuando um passado, pois não encontraram seu lugar na realidade presente. O autor do presente livro procura superar tais asserções tendenciosas e superficiais, recuperando o sentido do mito e suas diferenciadas formas de presença nos períodos históricos da cultura humana. O mito está presente na cultura do mundo moderno, como esteve na cultura do homem do passado. Sua decodificação é fundamental para a compreensão do comportamento humano coletivo. A leitura desta obra torna-se necessária para os estudiosos das Ciências Humanas e Sociais e para aqueles que se propõem a entender a atividade humana em seus diversos aspectos. (Nota da Editora).

Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil. São Paulo, Hucitec/Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992. 604p

Obra coletiva, volumosa e rica de informações, marco definitivo para o estudo dos japoneses no Brasil, dela disse, com muita propriedade, o escritor e

acadêmico Benedito Ferri de Barros: “Doravante se constituirá ponto de partida obrigatório de quantos novos estudos se venham a fazer sobre o assunto. Sem dúvida, antes dele muitos trabalhos foram produzidos por japoneses, nipo-brasileiros e brasileiros, monografias ou obras de grande fôlego, e sem eles este livro não teria sido possível. Entretanto, esta não é simples obra de compilação, o que de si representaria síntese de grande valor. Mais do que um levantamento e utilização quase exaustivos das fontes precedentes, que reúne os fatos e dados fundamentais dessa imigração, ela envereda por pesquisas originais, abre novas pistas e questões para os estudiosos futuros e, como nenhuma outra até então, apresenta uma visão global e coerente das relações entre os imigrantes nipônicos com a terra e o povo brasileiros e as impressionantes contribuições que daí resultaram para nosso desenvolvimento em todos os setores da cultura e em todos os campos de atividade”: Dispensando-nos de qualquer outro comentário à vista do que escreveu o preclaro acadêmico, cremos mais útil informar aos leitores sobre a estrutura da obra. Divide-se em duas grandes partes, a primeira, sem título, ocupando mais de dois terços do volume, consta de seis capítulos, subdivididos em diversos tópicos: 1. A abertura da emigração no Japão (As grandes migrações da Europa nos séculos XIX e XX; A abertura dos portos e a imigração no Brasil do século XIX; Japão: fim do isolamento e início do movimento imigratório; Antecedentes da imigração japonesa no Brasil; Alguns episódios históricos). 2. Do “Kasato-Maru” até a década de 1920 (Os imigrantes do “Kasato-Maru”; Em busca da independência econômica; A época da “marcha para oeste”; A situação em fins da década de 1920; O imigrante japonês, o café e o algodão; O imigrante e a educação dos filhos). 3. Emigração como política de Estado (Cresce o número de imigrantes; Os imigrantes para a Amazônia; Imigrantes que desejam radicar-se; A campanha antijaponeses; Os nisseis entre dois penhascos; Do apogeu ao fim; Comunidade japonesa no tempo da política emigratória de Estado; Um pequeno Japão dentro do Brasil). 4. Período em branco na corrente imigratória e os distúrbios na comunidade japonesa (A comunidade nipônica no período da guerra; A comunidade enfrenta um caos sem precedentes; Da confusão geral à estabilidade); 5. Período do pós-guerra (Correntes imigratórias do pós-guerra; Formas e órgãos de imigração do pós-guerra; Da comunidade japonesa do Brasil para a colônia “nikkei”; Nasce uma entidade de integração da colônia “nikkei”). 6. O fim da era de imigração e a consolidação da nova colônia “nikkei” (Da imigração ao intercâmbio internacional; Radicais transformações na colônia “nikkei”; Cresce o interesse pela cultura japonesa; A volta à pátria de imigrantes e o fenômeno “dekasegi”; O papel desempenhado pelos jornais “nikkei”). A parte segunda traz por título “Contribuições dos imigrantes japoneses no Brasil” e consta de cinco capítulos: 1. Papel desempenhado na agricultura brasileira (Introdução e desenvolvimento de novas culturas; Implantação da agricultura intensiva; Desenvolvimento de nova agricultura; Fundação e desenvolvimento das cooperativas agrícolas):

2. Participação de imigrantes japoneses no comércio (Comércio dos imigrantes japoneses no período anterior à II Guerra; Japoneses e descendentes no comércio pós-guerra): 3. Participação na Indústria: 4. Educação, cultura e religião: 5. Vida religiosa dos japoneses e seus descendentes residentes no Brasil e religiões de origem japonesa. A ressaltar-se, na apreciação da obra, a excelente colaboração do Dr. José Yamashiro, certamente o maior conhecedor das relações nipo-brasileiras e autor de numerosas obras de divulgação da cultura japonesa entre nós. (Cortesia dos editores).

Shixiu, Zhou/Santos, Corcino Medeiros dos - O descobrimento da América pelos chineses. Porto Alegre, PUC, 1992. 104p

“De acordo com as informações contidas no corpo do presente trabalho, há uma relação entre as culturas indígenas da América e as da antiga China. Assim, é muito provável que alguns elementos das culturas ameríndias sejam de origem chinesa. Além dos exemplos já mencionados, devemos lembrar também das semelhanças existentes entre as máscaras indígenas e as chinesas. Em ambas as culturas essas máscaras eram usadas nas cerimônias mágico-religiosas com a finalidade de afastar calamidades, afugentar demônios, os deuses do mal. Do mesmo modo, há também semelhanças em muitas práticas místicas, tais como adivinhação, prática da medicina natural e pajelança. Os eruditos chineses e estrangeiros estão de acordo pelo menos num ponto: na antiguidade a América e a Ásia não foram continentes isolados entre si. Houve provavelmente muitos pontos de contacto entre eles. Há a possibilidade de que tenham estabelecido contacto por uma rota, hoje desconhecida” (p. 96). “Probabilidade”, “possibilidade”... muito pouco para um livro que se apresenta com um título definitivo, como se não houvesse dúvida quanto ao assunto nele tratado. Enfim, o nome de Corcino Medeiros dos Santos, historiador competente e probo, já consagrado por excelentes trabalhos, poderá ser uma garantia para que o livro se revista realmente de alguma seriedade. (Cortesia da Editora).

PERIÓDICOS

Revista Brasileira de Estudos Políticos, ns. 74/75, jan/julho de 1992. Univ. Fed. de Minas Gerais, Belo Horizonte. Sumário: Polis-Diálogo (Nelson Nogueira Saldanha); Conflitos ideológicos na constituição econômica (Washington Peluso Albino de Souza); Estado federal e Estados Federados na Constituição de 1988 (Carlos Mário Veloso); Direitos humanos: evolução histórica (José Luís Quadros Magalhães); Negociação coletiva no meio rural (Alex Sgreccia); Repartição do poder na Quinta República Francesa (Roberto de Albuquerque);



O debate entre o realismo e o idealismo nos Estados Unidos (Eduardo Rodrigues Gomes); O PTB na cidade do Rio de Janeiro (Maria Celina D'Araujo); Permanência e mudança na Constituição (Raul Machado Horta).

Estudos Ibero-americanos, vol. XVII/2, dezembro de 1991. Departamento de História da Pont. Univ. Cat. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. **Sumário:** Garibaldi: republicano e revolucionário internacional (Carmen Lúcia Palazzo de Almeida); Três documentos de los Siete Pueblos Orientales (Oscar Padron Favre); A questão dos direitos à sucessão de D. João VI de Portugal (Braz Augusto Brancato); Aprovechamiento de materias primas liticas para un area relacionada con la Sierra de San Miguel (Carmen Curbelo e Eliane Martinez); A arqueologia e a cultura africana nas Américas (Pedro Paulo Abreu Funari); Principios de ecologia cultural en la configuración de un territorio de frontera: la mesopotamia argentina em el siglo XVII (Teresa Cañedo-Arguelles Fábrega); O caciquismo e o fim dos conflitos intra-étnicos nas missões guaranis e chiquitanas (Paula Caleffi); Proceso de integración de la sociedad uruguaya: el ejemplo de Tacuarembó (Raquel Pollero e Monica Sans).